

# DO ALÍVIO<sup>1</sup>

MONÓLOGO

Jacinto Benavente

Tradução de **Rodrigo Conçole Lage**<sup>1</sup>

Escrito expressamente para a Srta. Dona Carmen Cobeña<sup>2</sup>.

Estreado no Teatro da Comédia na noite de

27 de Fevereiro de 1897

À SENHORITA DONA CARMEN COBEÑA

Em testemunho de admiração, de agradecimento  
e de carinho, seu verdadeiro amigo

JACINTO

---

<sup>1</sup> O título se refere ao chamado alívio de luto. Segundo o Dicionário da Real Academia Española: “2. m. “Atenuación de las señales externas de duelo una vez transcurrido el tiempo de luto riguroso”. Durante o luto rigoroso a pessoa enlutada se vestia de preto, evitava a vida social e o ócio. No passado, este período podia durar alguns meses ou anos, dependendo do parentesco e a importância do falecido. Mais tarde, se aliviava o luto, isto é, se voltava a vida normal, mas com roupa de cor escura (azul, cinza, café, etc.) ou se usava um prendedor ou laço negro que fosse visível. Fonte: <<http://spanish.stackexchange.com/questions/12857/qu%C3%A9-quiere-decir-alivio-de-luto>>. Maiores detalhes sobre o luto e a vestimenta de luto podem ser encontradas em *El luto en sociedad*. Disponível em: <[https://www.protocolo.org/social/urbanidad/el\\_luto\\_en\\_sociedad\\_parte\\_primera.html](https://www.protocolo.org/social/urbanidad/el_luto_en_sociedad_parte_primera.html)>.

<sup>2</sup> Foi uma atriz espanhola, nascida no dia 23 de fevereiro de 1869, em Madrid. Atuou em algumas peças de Jacinto Benavente tais como *El nido ajeno*, em 1894, *Señora Ama*, em 1908, e *Abuela y nieta*, em 1944.

## PERSONAGENS

CARMEN..... Srta. D.<sup>a</sup> Carmen Cobeña.

UMA DONZELA..... (Que não fala.)

## EM MADRI

### CENA ÚNICA

Gabinete elegante. – Aparelho telefônico.

*(Ao levantar-se a cortina a criada ajeita umas flores num vaso.)*

### CARMEN

*(Dentro.)* Eugenia! Eugenia! Corre a persiana... Assim. *(Sai.)* Entra muito sol no gabinete. Deixa as flores; eu as ajeitarei. *(Vai-se a criada.)* Que sol mais escandaloso! *(Deixando cair uma cortina.)* Hoje a luz me assusta. *(Olhando-se no espelho.)* Me parece que este vestido é muito claro. Quando o escolhi parecia outra coisa. Dominava o negro. Agora parece que domina o branco. A modista me disse que era o alívio mais discreto; branco e negro, as listrinhas. Como disse Hinestrosa<sup>3</sup>, luto de viúva, as listras como as folhas pautadas<sup>4</sup>, para que não se desencontrem. *(Pausa.)* Um ano e dois dias! Como o tempo passa! Passou-se o ano sem sentir. Ai, não! Deus meu! Sentindo muito... quero dizer que se passou muito rápido. Estes dois últimos dias me pareceram os mais longos. É verdade que foram muito tristes. O aniversário, as visitas, recordações... E todo mundo, que me encontra muito melhorada, mais robusta... E me dizem com intenção. A verdade é que estou muito boa, apesar do que tenho sofrido; porque tenho sofrido muito. Como que esta

---

<sup>3</sup> Não foi possível identificar a quem se refere. Talvez não esteja se referindo a uma pessoa real.

<sup>4</sup> *Falsilla* no original. É uma folha com linhas que se põe debaixo da folha em que vai se escrever para servir de guia.

cor não é natural... quer dizer, natural, sim; porque eu não me pinto como Felisa, que é uma viúva ao cromo. Mas eu já disse ao médico; esta cor e este aspecto de boa saúde não são apropriadas em minha situação de ânimo. Devo ter alguma lesão, alguma lesão cardíaca; mas o médico diz que não tenho nada no coração... Terei que mudar de médico; eu creio que não me entende. Não sabe enviar-me mais que tília<sup>5</sup>; tudo mais, brometo<sup>6</sup>... O que se terá simbolizado? E muito exercício. Passar ao exercício. Assim tive um pretexto para passear durante o luto. Mas agora diz que não me convém as visitas, nem as reuniões, nem os teatros; ar puro, muito ar... muito higiênico, mas muito chato; justamente onde uma pessoa pode é divertir é nos locais fechados. A Casa de Campo<sup>7</sup>, a Moncloa<sup>8</sup>; nem sequer me permite o Retiro<sup>9</sup>... Quando digo que não entende minha enfermidade! Vou dizer a Felisa que me dê os traços de seu médico; um homeopata; naturalmente, se pergunto a Felisa os traços de seu médico, já sei o que me responde: loiro, com barba, boa figura, trinta e dois anos... porque a enfermidade de Felisa é crônica como o médico.

A uma mulher só, viúva e jovem, deve assisti-la um doutor venerável, como o meu, para que as pessoas não murmurem. Ai, que difícil é o papel de viúva! Sem querer, tem uma que pensar em deixá-lo... pelo mundo. Tudo o que uma faz se observa e se comenta. É natural. As mulheres nos olham com desconfiança, as solteiras e as casadas; nosso estado intermediário lhes inspira receios; somos... algo assim, como as fronteiras; por isso estamos tão vigiadas. E há cada carabineiro<sup>10</sup>!

---

<sup>5</sup> Bebida antiespasmódica feita com a flor de tília.

<sup>6</sup> O sal do ácido bromídrico é utilizado como fármaco.

<sup>7</sup> *La casa de Campo* é o maior parque público de Madrid. Existem várias instalações em seu interior (o *Parque de Atracciones de Madrid*, um zoológico, um teleférico, etc.). Disponível em:

<[https://es.wikipedia.org/wiki/Casa\\_de\\_Campo](https://es.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Campo)>.

<sup>8</sup> Se refere ao *Palacio de la Moncloa*, também chamado de *Complejo de la Moncloa*, que é tanto a sede da Presidência da Espanha quanto a residência do primeiro ministro. Disponível em:

<[https://es.wikipedia.org/wiki/Palacio\\_de\\_la\\_Moncloa](https://es.wikipedia.org/wiki/Palacio_de_la_Moncloa)>.

<sup>9</sup> Se refere ao *Parque del Retiro de Madrid* que é comumente conhecido como *El Retiro*. Disponível em:

<[https://es.wikipedia.org/wiki/Parque\\_del\\_Retiro\\_de\\_Madrid](https://es.wikipedia.org/wiki/Parque_del_Retiro_de_Madrid)>.

<sup>10</sup> Soldado que usa a carabina.

Logo, nós as viúvas temos uma lenda! Os que escrevem comédias, já se sabe, quanto tem que sacar uma senhora intrigante, viuvinha. Claro! É o mais cômodo. Uma viúva pode saber tanto quanto uma casada, e pode remediar tudo como uma solteira... e a moral sempre se salva. Assim é, que andamos em uns enredos por esses teatros! Sobre tudo, monólogo sem viúva não se compreende. Não parece senão que nós as viúvas passamos a vida fazendo monólogos!

Como se escreveu uma *A Perfeita casada*<sup>11</sup> deveria ter sido escrita *A perfeita viúva*, para que soubéssemos que conduta seguir.

O ano do luto, menos mal, entre a Casa de Campo e a igreja... logicamente, igreja que não tenha portas para duas ruas. Mas agora, do alívio! Isto sim que é um interregno dentro de outro interregno<sup>12</sup>... Interregno?... Sim, não quero pensá-lo; mas a restauração se impõe. O difícil é escolher o soberano... Entretanto, que vida devo fazer? Que relações devo frequentar? Eu não posso viver encerrada entre quatro paredes... mas também, se me exhibo demais... Pela manhã? Não há o que se preocupar; como agora, missa em San Pascual<sup>13</sup>, compras... meia dúzia de livros em um elástico e um pacotinho de guloseimas, justificam tudo. Pela tarde?... Não, o que é pela tarde terminou na Casa de Campo; ao Retiro em carruagem, à dar voltas e voltas ao redor daquele demônio<sup>14</sup> que olha ao céu tão zangado: se olhasse a terra, certamente se punha contente ao ver com quanto gosto nos leva o diabo na carruagem por aqui embaixo.

---

<sup>11</sup> Referência ao livro *La perfecta casada* de Fray Luis de León onde ele descreve o que considera ser uma esposa exemplar e apresenta seus atributos e deveres em relação a família, as tarefas diárias e no seu amor para com Deus.

<sup>12</sup> A protagonista faz um jogo de palavras com a idéia de intervalo e o sentido original da palavra – no latim: *interregnum* (literalmente, entre reinados) – que significa o intervalo de tempo entre a deposição ou morte de um monarca e a assunção do novo.

<sup>13</sup> Possivelmente se refere ao *convento e iglesia de San Pascual*, localizado no *Paseo de Recoletos*, em Madrid. Disponível em: <<http://www.rutaspangea.com/iglesia-de-san-pascual/>>.

<sup>14</sup> Se refere a escultura de Ricardo Bellver, feita em 1877, que está na *Fuente del Ángel Caído*, também chamada de *Monumento del Ángel Caído*, que se encontra no *Parque del Retiro de la Villa de Madrid*. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Fuente\\_del\\_%C3%81ngel\\_Ca%C3%ADdo](https://es.wikipedia.org/wiki/Fuente_del_%C3%81ngel_Ca%C3%ADdo)>.

Se a tarde está fria ou chuvosa, de visitas, visitas de confiança, agradáveis; as de cortesia, que incomodam, se fazem nos dias lindos, de sol, para não encontrar ninguém em casa. À noite?... A noite é o mais delicado.

Posso ousar com a clássica segunda-feira. Irei ao palco da marquesa de San Serení. Uma senhora muito respeitável, de quem ninguém pode dizer nada... neste século, porque ninguém a conheceu jovem. Em bailes tampouco devo pensar ainda. O alívio do luto e o decote parecem-me incompatíveis, porque os decotes do alívio são ridículos... e a mim agrada-me decotar-me ou não decotar-me. Eu não sou como a de Moneada, que consulta com o confessor sobre como ha de vestir-se; verdade que o decote da de Moneada é matéria de fé. Quando o padre Romillo, que tem a manga muito estreita, lhe permite 60 centímetros!

Nada, renuncio aos bailes. Afortunadamente a marquesa de Tomillares recebe as sextas-feiras. A sua casa posso comparecer; é uma casa *comm'il faut*<sup>15</sup>, sociedade muito escolhida. Ali não se fala mal de ninguém, nem dos amigos. Não é como na casa dos de Santa Tecla. Que confusão! Ali se admite todo mundo. E que mal tom! A de Santonja canta uns *couplets*<sup>16</sup> franceses! E servem sorvetes de morango e de flor de laranjeira em copos azuis e com copete<sup>17</sup>! Rescendem à café da esquina, numa légua. O marques pergunta ao oferecê-los, de que cor você gosta mais, querida? É engraçada a casa dos marqueses de Santa Tecla! Santa Tecla<sup>18</sup>! Todos estes nobres improvisados levam títulos de santos, agradecidos pelo milagre, sem dúvida.

---

<sup>15</sup> Em francês no original. É uma locução adverbial que tem o sentido de apropriada, adequada.

<sup>16</sup> É uma canção curta e ligeira, que se canta em teatros. Tradicionalmente interpretada por mulheres.

<sup>17</sup> Copete em espanhol é a parte de cima do sorvete que sobressai do recipiente.

<sup>18</sup> É uma santa cuja vida é relatada no livro apócrifo *Atos de Paula e Tecla*, possivelmente escrito no séc. II d.C. Segundo Wando Silva: "Ela foi chamada de "protomártir entre as mulheres" e mesmo "igual aos apóstolos". Ela era amplamente citada como um modelo ascético para as mulheres. [...] É venerada como padroeira dos agonizantes. Também é a padroeira da cidade de Tarragona, na Espanha, onde há uma grande catedral em sua homenagem". Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/2011/10/santa-tecla-padroeira-dos-agonizantes.html>>.

Enfim; não me faltará onde passar as noites; sem contar com que Felisa recebe a seus amigos todas as noites depois do teatro, e se não estive presente este ano... já do alívio... e isso que Felisa... É uma boa amiga, eu o sei, tem me acompanhado muito este ano sacrificando mil diversões; estou muito agradecida, mas... seu trato é perigoso. Tem dado tanto que falar! Como a sua casa não vão mais que viúvas e solteironas, e em contrapartida os homens todos são casados... Todos? Não. Há um solteiro... Um! E esse um vai por mim; nem à tertúlia, senão muito cedo, nas horas em que sabe que eu posso ir... E ouve minhas missas em San Pascual todas as manhãs... e fez três novenas por mim. Pobrezinho! A verdade é, que continuar uma viúva no primeiro ano de luto, não é muito divertido. Ele parece muito sério; é deputado silvelista<sup>19</sup>; já é uma garantia: não é má figura... boa posição... fazendas na Extremadura e duas casas em Madrid, uma na Calle del Carmen<sup>20</sup>; por certo que tem dois quartos desalugados, que rendem 12.000 reales cada uno, subi para vê-los por acaso e perguntei ao porteiro; disse que tem a casa muito mal administrada... Um homem sozinho!

Que está apaixonado por mim, não há dúvida... com bom fim... devo supor, porque me conheceu casada e nunca se atreveu a se insinuar... Eu o tinha por tolo. Depois retifiquei minha opinião; é um homem ilustrado, distinto... O caso é que eu, pelo menos por um ano, não posso pensar em nada... Do alívio ainda! Não, no devo passar de uma boa amizade... a linhazinha branca do coração<sup>21</sup>. O que é o costume... Já não me parece tão claro o vestido como quando eu o coloquei. Bem dizia a modista; é um alívio discreto...

---

<sup>19</sup> Deputado do Partido governado, que recebe diferentes nomes segundo o das pessoas que o governaram. Nesse caso, o nome diz respeito Francisco Silvela y le Vielleuze, que em 1897 se tornou o chefe do Partido e foi duas vezes presidentes do Governo da Espanha entre 1899 e 1903. Como ele se retirou da vida política em 1903, essa referência situa a história da peça entre estes anos.

<sup>20</sup> Essa rua está localizada no centro de Madrid, sendo uma das mais conhecidas da capital. Ela começa na *Puerta del Sol* e termina na *Plaza del Callao*. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Calle\\_del\\_Carmen](https://es.wikipedia.org/wiki/Calle_del_Carmen)>.

<sup>21</sup> Na quiromancia a linha do coração é a linha transversal superior da mão direita, que nasce embaixo do dedinho, ou dedo mindinho, e segue até o dedo indicador, ou pelo menos aponta para ele. Quando é da cor branca ela denota sentimentos brandos, uma paixão calma.

(*Olhando-se ao espelho.*) E eu que não me atrevia a sair na rua!... Com esta tarde tão formosa... Vou avisar pelo telefone à Felisa... que irei buscá-la de coche para dar uma volta por... Pobre Felisa! Com uma tarde tão formosa levá-la à Casa de Campo!... Se me atrevesse! Um ano e dois dias!... Em coche fechado... Sim, porque não? Ao Retiro.

Com as janelas levantadas. (*Chama ao telefone.*) Central? Ligação com o 7.044... Quanta demora! Não estará em casa? – Felisa! – Não ouço nada. – Quer ir ao Retiro comigo? – Ao Retiro. – Sim. – Em berlinda<sup>22</sup>. – Até agora. – Eh? Que atrocidade! (*Tocando a campanha.*) – Felisa! – Com quem falo?... Ocorreu um cruzamento... Eu já disse! (*Fingindo voz de homem.*) – Que? – Não senhor, não é o Quartel de San Gil<sup>23</sup>. – Não há de que. – Finjo voz de homem para que não se interem de que ouvi essas atrocidades. Como está o serviço! (*Toca a campainha e sai a criada.*) Diga a Julián que atrele imediatamente. Traga-me um chapéu. (*Sai a criada e logo volta com um chapéu negro.*) Irei a corpo<sup>24</sup>. (*Olhando-se ao espelho.*) Nada, muito serio... demasiado serio... Umas violetas aqui. (*Prendendo algumas violetas no peito.*) São flores do alivio. (*Olhando o chapéu.*) Devia ter comprado aquele chapéu com adorno malva<sup>25</sup>... A malva é do alivio. Se não se acostuma uma pouco a pouco...! Felisa aliviou o luto com azul marinho. . E depois de tudo, o verdadeiro luto não está no traje... E no coração? Façamos exame de consciência... Como está do alivio? Ai! Que sei eu! Um rosa pálido!...

Devo animar o chapéu com algo. (*Buscando em uma caixa.*) Aqui devo ter uma fita cinza e alguns passamanes<sup>26</sup> de azeviche<sup>27</sup>... A ver... Sim... É isto. Precioso! Assim... Acredito, do alivio... Agora o prendo com alfinetes... Amanhã compro o modelo de Mme.

---

<sup>22</sup> A berlinda, do alemão *berline*, é uma carruagem leve, completamente fechada, rápida, de quatro rodas.

<sup>23</sup> Foi uma instalação militar situada em Madrid que se localizava na parte setentrional do que hoje é a *Plaza de España*. Começou a ser demolido em 1906, trabalho que só terminou em 1910.

<sup>24</sup> No original “*Iré á cuerpo*”, expressão que vem de “*ir a cuerpo descubierto*”, isto é, “*sin una prenda de abrigo exterior*”, ou seja, somente de camisa ou camiseta.

<sup>25</sup> De cor rosa-arroxeadada ou violeta como a da flor da malva.

<sup>26</sup> Fitas, galões, cordões ou tecidos entretecidos a prata, ouro ou seda.

<sup>27</sup> É uma gema orgânica, produzida por plantas ou animais, também conhecida como “âmbar negro”.

Pierny... (*Soa a campainha do telefone.*) Quem é?... Será Felisa?... Meu Deus! (*Muito aturdida a ouvir a voz que lhe fala pelo telefone.*) – Sim, pensava sair... – Às quarenta horas<sup>28</sup>. – Não, já não saio, às espero. – Me convém; não me encontro muito bem. – Ehem, ehem<sup>29</sup>... (*Finge tosse, muito perto do aparelho telefónico.*) Até agora...

Que contratempo! Duas primas de meu marido, duas solteironas insuportáveis, que me odeiam com toda a sua alma... Não puderam vir no dia do aniversário e decidiram passar esta tarde comigo?... Como lhes digo que não pensava ficar em casa...

Me sentiria bem!... Avisarei a Felisa que já não me espere. – Central? – Ah!... Sim, em casa, em casa... Ainda são elas; não puseram fim a comunicação... Vou passar uma tarde divertida. – Central? – 7.044...

Recordarão a seu priminho, ao priminho, com quem as duas pretenderam se casar na sua época... E agora, parecem elas as viúvas, como lhe choram e lhe recordam, tudo porque pareça que eu não lhe senti bastante. (*Campainha do telefone.*) – Felisa? – Não há nada do que foi dito. – As priminhas, já sabes, decidiram fazer-me um aniversário esta tarde. – Tem pena de mim. – De verdade? Como és boa! Sim, vem, vem. – Que não vens só?... Um Cavalheiro? – Vamos! – Mas mulher, as primas? – Tem razão. Vem logo!

Pobre Felisa, é mais boa! Virá confortar-me em tão amargo transe... E não vem só; aquele cavalheiro está de visita em sua casa, e como eu lhe ofereci a minha, se crê no dever de visitar-me em virtude do aniversário... Ai! Ao fim e ao cabo<sup>30</sup>!... Mas que atitude devo tomar agora? Se as primas me veem de alívio e com flores... aos dois dias do ano...

---

<sup>28</sup> A *Las Cuarenta Horas* (também chamada *Festividad de las Cuarenta Horas*) é uma celebração litúrgica da Igreja Católica que consiste em adorar ao Santíssimo Sacramento, ininterruptamente, durante um período de quarenta horas. É celebrada desde o século XVII.

<sup>29</sup> *Ejem* no original. É uma interjeição que tem o mesmo sentido que *ahem* em inglês, isto é, representa o ato de limpar a garganta ao interromper alguém.

<sup>30</sup> Segundo Carlos Rocha: “Vasco Botelho de Amaral, no **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa** (Porto, Educação Nacional, 1938), considerava «ao fim e ao cabo» deste modo (itálico do original a negro): «Espanholismo. Diga-se – **por fim, ao cabo, finalmente**”. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-expressao-ao-fim-e-ao-cabo/18210>>.



Impossível! (*Remove-se as violetas.*) Me porei de negro e terei que chorar; sim, chorarei muito para ver se as aborreço e não voltam; se for preciso me dará um ataque de nervos. Que hoje não me ganham com sentimento! Eugenia, Eugenia! (*Entra a criada.*) Vou mudar de vestido... o de missa... Leve este chapéu e as flores... Espera. (*Colocando umas flores ao pé de um retrato que haverá sobre a chaminé.*) Porei este ramo aqui, ao pé do retrato. Traga-me dois lenços. (*Vai-se a criada.*) Hoje as priminhas se enfastiam. Virão com a ladainha de costume... Como passa o tempo! Pobre Ricardo! Haverá quem o sinta tanto como nós, mas mais, impossível... Depois eu entro... Tu estás muito jovem... estás bonita... Está... Assim; com intenção: o máximo que concede uma mulher a outra é que está jovem e que está bonita, mas que é, nunca!... Estás jovem... O tempo tudo apaga... Não faltará quem te pretenda... Não falta, não... Isso quiseram elas!... E a verdade é que, se Felisa vem com ele, vão lhe parecer ridículos meus extremos... Ridículos, se suspeita que não me é indiferente... e se não descobriu em mim acentuada inclinação ainda, se duvida de haver-me interessado, tomará a serio meus espalhafatos e desistirá de suas pretensões, se lhe pareço uma viúva inconsolável... Não, não! Continuarei de alívio... e com violetas. (*Volta a por o ramo.*) Eu não chorarei... alguns suspiros é o bastante: porque também, se não mostro algum sentimento, que juízo formará de mim? Pensará, com razão, que por ele faria o mesmo se me ficasse outra vez viúva... Outra vez viúva?... Ai, já o pensei!... Outra vez viúva... quer dizer, outra vez casada, é o que eu queria pensar!... O pensaremos. Chamam... (*Vai para a porta do fundo.*) As primas... e Felisa com elas... e o... Todos ao mesmo tempo... Senhor! Que cara ponho? Risonha?... Triste? (*Ao público.*) Vocês dirão... Não queiram vocês ver-me triste!

CORTINA

# DE ALIVIO

MONÓLOGO

**Jacinto Benavente**

Escrito expresamente para la Srta. Doña Carmen Cobeña.

Estrenado en el Teatro de la Comedia la noche del  
27 de Febrero de 1897

Á LA SEÑORITA DOÑA CARMEN COBEÑA

En testimonio de admiración, de agradecimiento  
y de cariño, su verdadero amigo

JACINTO

PERSONAJES

CARMEN..... Sta. D.<sup>a</sup> Carmen Cobeña.

UNA DONCELLA..... (Que no habla.)

## EN MADRID

### ESCENA ÚNICA

Gabinete elegante. – Aparato telefónico.

*(Al levantarse el telón la doncella arregla unas flores en un jarrón.)*

#### CARMEN

*(Dentro.)* ¡Eugenia! ¡Eugenia! Corre la persiana... Así. *(Sale.)* Entra mucho sol en el gabinete. Deja las flores; yo las arreglaré. *(Vase la doncella.)* ¡Qué sol más escandaloso! *(Dejando caer una cortina.)* Hoy me asusta la luz. *(Mirándose al espejo.)* Me parece que este vestido es demasiado claro. Cuando lo elegí parecía otra cosa. Dominaba lo negro. Ahora parece que domina lo blanco. La modista me dijo que era el alivio más discreto; blanco y negro, á rayitas. Como dice Hinestroza, luto de viuda, á rayas como las falsillas, para que no se tuerzan. *(Pausa.)* ¡Un año y dos días! ¡Cómo se pasa el tiempo! Se ha pasado el año sin sentir. ¡Ay, no! ¡Dios mío! Sintiendo mucho... quiero decir que se ha pasado muy pronto. Estos dos días últimos me han parecido los más largos. Verdad es que han sido muy tristes. El aniversario, las visitas, recuerdos... Y todo el mundo que me encuentra muy mejorada, más gruesa... Y me lo dicen con intención. La verdad es que estoy muy buena, á pesar de lo que he sufrido; porque he sufrido mucho. Como que este color no es natural... es decir, natural, sí; porque yo no me pinto como Felisa, que es una viuda al cromo. Pero ya se lo he dicho al médico; este color y este aspecto de buena salud no son propios en mi situación de ánimo. Debo tener alguna lesión, alguna lesión cardíaca; pero el médico dice que no tengo nada en el corazón... Tendré que cambiar de médico; yo creo que no me entiende. No sabe mandarme más que tila; todo lo más, bromuro... ¿Qué se habrá figurado? Y mucho ejercicio. Pase el ejercicio. Así he tenido un pretexto para pasear durante el luto. Pero ahora dice que no me convienen las visitas, ni las reuniones, ni los

teatros; aire puro, mucho aire... muy higiénico, pero muy aburrido; precisamente donde una puede divertirse es en los sitios cerrados. La Casa de Campo, la Moncloa; ni siquiera me permite el Retiro... ¡Cuando digo que no entiendo mi enfermedad. Voy a decir a Felisa que me dé las señas de su médico; un homeópata; por supuesto, si le pregunto a Felisa las señas de su médico, ya sé lo que me contesta: rubio, con barba, buena figura, treinta y dos años... porque la enfermedad de Felisa es crónica como el médico.

A una mujer sola, viuda y joven, debe asistirle un doctor venerable, como el mío, para que la gente no murmure. ¡Ay, qué difícil es el papel de viuda! Sin querer tiene una que pensar en dejarlo... por el mundo. Todo lo que una hace se observa y se comenta. Es natural. Las mujeres nos miran con desconfianza, las solteras y las casadas; nuestro estado intermedio les inspira celos; somos... algo así, como las fronteras; por eso estamos tan vigiladas. ¡Y hay cada carabinero!

Luego ¡las viudas tenemos una leyenda! Los que escriben comedias, ya se sabe, en cuanto tienen que sacar a una señora trapisondista, viudita. ¡Claro! Es lo más cómodo. Una viuda puede saber tanto como una casada, y puede remediarlo todo como una soltera... y la moral siempre se salva. ¡Así es, que andamos en unos enredos por esos teatros! Sobre todo, monólogo sin viuda no se comprende. ¡No parece sino que las viudas nos pasamos la vida haciendo monólogos!

Como se escribió una *Perfecta casada* debía haberse escrito *La perfecta viuda*, para que supiéramos qué conducta seguir.

El año del luto, menos mal, entre la Casa de Campo y la iglesia... por supuesto, iglesia que no tenga puertas a dos calles. Pero ahora, ¡de alivio! Esto sí que es un interregno dentro de otro interregno... ¿Interregno?... Sí, no quiero pensarlo; pero la restauración se impone. Lo difícil es elegir soberano... Entretanto ¿qué vida debo hacer? ¿Qué relaciones debo frecuentar? Yo no puedo vivir encerrada entre cuatro paredes... pero también, si me exhibo demasiado... ¿Por la mañana? No hay que preocuparse; como ahora, misa en San Pascual, compras... media docena de libros en una goma y un paquetito de golosinas, lo justifican todo. ¿Por la tarde?... No, lo que es por la tarde se acabó la Casa de Campo; al

Retiro em coche, á dar vueltas y vueltas alrededor de aquel demonio que mira al cielo tan enfadado: si mirara á la tierra, de seguro se ponía contento al ver con cuánto gusto nos lleva el diablo en coche por aquí bajo.

Si la tarde está fría ó lluviosa, de visitas, visitas de confianza, agradables; las de cumplido que molestan se hacen en los días hermosos, de sol, para no encontrar á nadie en casa. ¿Por la noche?... La noche es lo más delicado.

Puedo atreverme con algún lunes clásico. Iré al palco de la marquesa de San Serení. Una señora muy respetable, de quien nadie puede decir nada... en este siglo, porque nadie la ha conocido joven. En bailes tampoco debo pensar todavía. El alivio de luto y el escote me parecen incompatibles, porque los escotes de alivio son ridículos... y á mí me gusta escotarme ó no escotarme. Yo no soy como la de Moneada, que consulta com el confesor cómo ha de vestirse; verdad que el escote de la de Moneada es materia de fe. ¡Cuando el padre Romillo, que tiene la manga muy estrecha, la permite 60 centímetros!

Nada, renuncio á los bailes. Afortunadamente la marquesa de Tomillares recibe los viernes. A su casa puedo asistir; es una casa *comm'il faut*, sociedad muy escogida. Allí no se habla mal de nadie, ni de los amigos. No es como en casa de los de Santa Tecla. ¡Qué trapisonda! Allí se admite á todo el mundo. ¡Y qué mal tono! La de Santonja ¡canta unos *couplets* franceses! Y sirven helados de fresa y de flor de naranja en copas azules ¡y con copete! Trascienden á café de la esquina desde una legua. El marqués pregunta al ofrecerlos, ¿de qué color le gustan á usted más, querida? ¡Es chistosa la casa de los marqueses de Santa Tecla! ¡Santa Tecla! Todos estos nobles improvisados llevan títulos de santos, agradecidos al milagro, sin duda.

En fin; no me faltará donde pasar las veladas; sin contar con que Felisa recibe á sus amigos todas las noches después del teatro, y si no he asistido este año... ya de alivio... y eso que Felisa... Es una buena amiga, ya lo sé, me ha acompañado mucho este año sacrificando mil diversiones; la estoy muy agradecida, pero... su trato es peligroso. ¡Ha dado tanto que hablar! Como á su casa no van más que viudas y solteronas, y en cambio los hombres todos son casados... ¿Todos? No. Hay uno soltero... ¡Uno! Y ese uno va por mí;

ni á la tertulia, sino muy temprano, á las horas en que sabe que yo puedo ir... Y oye mi misa en San Pascual todas lãs mañanas... y ha hecho tres novenas pormí. ¡Pobrecillo! La verdad es, que seguir á una viuda en el primer año de luto, no es muy divertido. El parece muy serio; es diputado silvelista; ya es una garantía: no es mala figura... buena posición... haciendas en Extremadura y dos casas en Madrid, una en la calle del Carmen; por cierto que tiene dos cuartos desalquilados, que rentan 12.000 reales cada uno, subí á verlos por casualidad y pregunté al portero; dice que tiene la casa muy mal administrada... ¡Un hombre sólo! Que está enamorado de mí, no hay duda... con buen fin... debo suponerlo, porque me conoció casada y nunca se atrevió á insinuarse... Yo le tenía por tonto. Después he rectificado mi opinión; es un hombre ilustrado, distinguido... El caso es que yo, por lo menos en otro año, no puedo pensar en nada... ¡De alivio todavía! No, no debo pasar de una buena amistad... la rayita blanca del corazón. Lo que es la costumbre... Ya no me parece tan claro el vestido como cuando me lo puse. Bien decía la modista; es un alivio discreto... (*Mirándose al espejo.*) ¡Y yo que no me atrevía á salir á la calle!... Con esta tarde tan hermosa... Voy á avisar por el teléfono á Felisa... que iré á buscarla en coche para dar una vuelta por... ¡Pobre Felisa! ¡Con una tarde tan hermosa llevarla á la Casa de Campo!... ¡Si me atreviera! ¡Un año y dos días!... En coche cerrado... Si, ¿porqué ño? Al Retiro. Con los cristales subidos. (*Llama al teléfono.*) ¿Central? Comunicación con el 7.044... ¡Cuánto tarda! ¿No estará en casa? – ¡Felisa! – No oigo nada. – ¿Quieres ir al Retiro conmigo? – Al Retiro. – Sí. – En berlina. – Hasta ahora. – ¿Eh? ¡Que atrocidad! (*Tocando el timbre.*) – ¡Felisa! – ¿Con quién hablo?... Ha habido un cruce... ¡Ya decía yo! (*Fingiendo voz de hombre.*) ¿Qué? – No señor, no es el cuartel de San Gil. – No hay de qué. – Finjo voz de hombre para que no se enteren de que he oído esas atrocidades. ¡Cómo está el servicio! (*Toca el timbre y sale la doncella.*) Diga usted á Julián que enganche en seguida. Traígame usted un sombrero. (*Sale la doncella y á poco vuelve com un sombrero negro.*) Iré á cuerpo. (*Mirándose al espejo.*) Nada, muy serio... demasiado serio... Unas violetas aquí. (*Prendiéndose unas violetas al pecho.*) Son flores de alivio. (*Mirando el sombrero.*) Debía haberme comprado aquel sombrero con adorno malva... El malva es de

alivio. ¡Si no se acostumbra una poco á poco!... Felisa se alivió el luto con azul marino. . Y después de todo, el verdadero luto no está en el traje... ¿Y en el corazón? Hagamos examen de conciencia... ¿A cómo está de alivio? ¡Ay! ¡Que se yo! ¡Un rosa pálido!...

Debo animar el sombrero con algo. (*Buscando en una caja.*) Aquí debo tener una cinta gris y unos golpes de azabache... A ver... Sí... Esto es. ¡Precioso! Así... Ya lo creo, de alivio... Ahora lo prendo con alfileres... Mañana compro el modelo de Mme. Piorny... (*Suena el timbre del teléfono.*) ¿Quién?... ¿Será Felisa?... ¡Dios mío! (*Muy aturdida al oír la voz que le habla por el teléfono.*) – Sí, pensaba salir... – Á las cuarenta horas. – No, ya no salgo, os espero. – Me conviene; no me encuentro muy buena. – Ejem, ejem... (*Finge tos, muy cerca del aparato telefónico.*) Hasta ahora...

¡Qué contratiempo! Dos primas de mi marido, dos solteronas insoportables, que me odian con toda su alma... No pudieron venir el día del aniversario y han decidido pasar esta tarde conmigo... ¿Cómo las digo que no pensaba quedarme en casa?...

¡Buena me pondrían!... Avisaré á Felisa que ya no me espere. – ¿Central? – ¡Ah!... Sí, en casa, en casa... Son ellas todavía; no han quitado la comunicación... Voy á pasar una tarde divertida. – ¿Central? – 7.044...

Recordarán á su primito, al primito, con quien las dos pretendieron casarse en sus tiempos... Y ahora, parecen ellas las viudas según le lloran y le recuerdan, todo porque parezca que yo no le he sentido bastante. (*Timbre del telefono.*) – ¿Felisa? – No hay nada de lo dicho. – Las primitas, ya sabes, han decidido hacerme un aniversario esta tarde. – Compadéceme. – ¿De veras? ¡Qué buena eres! Sí, ven, ven. – ¿Que no vienes sola?... ¿Un Caballero? – ¡Vamos! – Pero mujer, ¿las primas? – Tienes razón ¡ven pronto!

¡Pobre Felisa, es más buena! Vendrá á confortarme en tan amargo trance... Y no viene sola; aquel caballero está de visita en su casa, y como yo le he ofrecido la mía, se cree en el deber de visitarme con motivo del cabo de año... ¡Ay! ¡Al fin y al cabo!... ¿Pero qué actitud debo tomar ahora? Si las primas me ven de alivio y con flores... á los dos días del año... ¡Imposible! (*Se quita las violetas.*) Me pondré de negro y tendré que llorar; sí, lloraré mucho á ver si las aburro y no vuelven; si es preciso me dará un ataque de nervios. ¡Lo que

es hoy no me ganan á sentimiento! ¡Eugenia, Eugenia! (*Entra la doncella.*) Voy á cambiar de vestido... el de misa... Llévate este sombrero y las flores... Espera. (*Colocando unas flores al pie de un retrato que habrá sobre la chimenea.*) Pondré este manojo aquí, al pie del retrato. Tráeme dos pañuelos. (*Vase la doncella.*) Hoy se fastidian las primitas. Vendrán con la cantinela de costumbre... ¡Cómo pasa el tiempo! ¡Pobre Ricardo! Habrá quien lo sienta tanto como nosotras, pero más, imposible... Luego entro yo... Tú estás muy joven... estás guapa... Estás... Así, con intención: lo más que concede una mujer á otra es que está joven y que está guapa, pero que lo es, ¡nunca!... Estás joven... El tiempo todo lo borra... No faltará quien te pretenda... No falta, no... ¡Eso quisieran ellas!... Y la verdad es que, si Felisa viene con él, van á parecerle ridículos mis extremos... Ridículos, si sospecha que no me es indiferente... y si no ha descubierto en mí inclinación marcada todavía, si duda de haberme interesado, tomará en serio mis aspavientos y desistirá de sus pretensiones, si le parezco una viuda inconsolable... ¡No, no! Seguiré de alivio... y con violetas. (*Vuelve á ponerse el ramo.*) Y no lloraré... unos cuantos suspiros es bastante: porque también, si no muestro algún sentimiento, ¿qué juicio formará de mí? Pensará, con razón, que por él haría lo mismo si me quedara outra vez viuda... ¿Otra vez viuda?... ¡Ay, ya lo he pensado!... ¡Otra vez viuda... es decir, otra vez casada, es lo que yo quería pensar!... Lo pensaremos. Lllaman... (*Va hacia la puerta del foro.*) Las primas... y Felisa con ellas... y él... Todos á un tiempo... ¡Señor! ¿Qué cara pongo? ¿Rísueña?... ¿Triste? (*Al público.*) Ustedes dirán... ¡No quieran ustedes verme triste!

## TELÓN

---

<sup>1</sup> **Rodrigo Conçole Lage** é graduado em História (UNFSJ). Especialização em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ. Tem publicado artigos e resenhas nas áreas de História e Literatura. Assim como traduções e artigos de jornal.